

AS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS EM ENTREVISTA COM FÁTIMA BERNARDES

Cynthia Gomes Pinheiro (UFPB)

cynthia.pinheiro@hotmail.com

Lucienne C. Espíndola (UFPB)

lucienne@hotmail.com

Introdução

Este trabalho apresenta uma análise sobre o uso da linguagem no gênero discursivo entrevista, com foco no respeito e na quebra de máximas conversacionais postuladas pelo filósofo americano Paul Grice (1975).

Segundo Espíndola (2010), existem situações de interação onde há dúvidas sobre o que está sendo comunicado, pois há casos em que o contexto apresenta mais de uma leitura possível. Isso ocorre devido a certos fatores, dentre eles, a intenção ou preferência do falante, que, por algum motivo específico, se expressa de forma indireta ou pouca objetiva, ao invés de falar com clareza somente aquilo que é realmente necessário para o bom entendimento do enunciado. Um dos campos da Pragmática é buscar entender por que um falante prefere dizer alguma coisa de maneira indireta a expressá-la de forma direta.

Portanto, há enunciados que podem conter vários sentidos, dependendo da intenção do falante que os pronuncia ou da situação na qual são usados. Isso nos leva a recorrer muitas vezes às inferências para encontrar a significação. Foi a partir dessa observação que Grice lançou as máximas conversacionais para explicar como as pessoas utilizam a língua.

Inicialmente, este trabalho irá abordar ao longo de sua fundamentação teórica, as características da Pragmática e de uma de suas correntes, as máximas conversacionais. Em seguida, será apresentada a análise dos dados, com a metodologia de estudo, passando-se à análise de trechos de uma entrevista com Fátima Bernardes à revista Veja, verificando a aplicação e a violação das máximas. Por fim, serão apontadas algumas considerações a respeito das conclusões obtidas com a análise dos dados.

1) Fundamentação teórica

1.1 A Pragmática

A concepção de língua e linguagem tem variado ao longo do tempo, mas é possível dividi-la em dois grandes grupos linguísticos: a do polo formalista, em que a língua é entendida como objeto autônomo, independente do seu uso, e a do polo funcionalista, que estuda a língua em situações reais de comunicação. Esta segunda tendência se distingue radicalmente do polo formalista, e considera a língua em sua relação forma (fatores gramaticais) e função (fatores sociais). É nesse momento que entra em evidência a competência comunicativa ou Pragmática, base para o estudo proposto.

Segundo Wilson (2008), três vertentes surgiram da observação das relações entre os signos: a sintática, que estuda a relação dos signos entre si; a semântica, que estuda a relação dos signos com os objetos; e finalmente a Pragmática que estuda a relação dos signos com os seus usuários. É a partir dos estudos da Pragmática que fatores extralinguísticos passam a ser considerados para o estudo da língua, como, por exemplo, fatores culturais, afetivos e sociais envolvidos no contexto discursivo. Assim, Costa (2008) afirma que a Pragmática “[...] caracteriza-se pelo sujeito que fala, pelo discurso e essencialmente pela dependência contextual do sentido” (p.03).

Portanto, a Pragmática pode ser definida como a ciência do uso linguístico. O conhecimento da prática linguística é fundamental para o sucesso da comunicação, pois na troca verbal comunicamos muito mais do que as palavras significam, além de serem evidentes as recorrentes situações em que o falante prefere falar de forma indireta. É o caso do empregado que chega atrasado ao trabalho e solta a frase ‘o trânsito está horrível hoje!’, indiretamente justificando o motivo do seu atraso.

1.2 As Máximas Conversacionais

Importantes estudiosos da linguagem colocaram a Pragmática em destaque através dos seus trabalhos. Dentre eles, podemos citar o filósofo americano Paul Grice (1967) criador das máximas conversacionais, baseadas no Princípio da Cooperação.

As máximas conversacionais propostas por Grice surgiram para explicar como as pessoas utilizam a língua. Ou seja, são diretrizes que guiam a conversação de forma eficiente, eficaz e racional, buscando atender ao princípio cooperativo geral “faça sua contribuição como for exigido, na etapa na qual ela ocorre, pelo fim ou direção aceitos da troca convencional em que você está envolvido” (LEVINSON, 2007, p.126).

São quatro as máximas básicas da conversação:

- *A máxima da qualidade:* os participantes devem falar a verdade, ou seja, não devem dizer aquilo que acredita ser falso ou aquilo que não possam fornecer evidência adequada;
- *A máxima da quantidade:* as informações fornecidas devem ser suficientes conforme o que é exigido na conversa;
- *A máxima da relevância:* deve ser colocado apenas o que é pertinente ao assunto tratado;
- *A máxima do modo:* a informação deve ser dada de forma breve, clara, ordenada e evitando a ambiguidade.

De acordo com Fiorin (2002, p. 178), muitas críticas sem fundamentação foram lançadas acerca dos estudos de Grice (1975):

alguns autores dizem que Grice tem uma concepção idealista da comunicação humana e, por conseguinte, da sociedade, porque imagina a troca verbal como algo harmonioso (...). Por outro lado, diz-se que Grice é normativo, que ele pretende ditar regras para a comunicação humana. Nenhuma das duas críticas procede. As máximas não são um corpo de princípios a ser seguido na comunicação, mas uma teoria de interpretação dos enunciados.

A partir da exposição acima, é possível imaginar que a quebra das máximas resulte na falta de entendimento do discurso, porém este estudo que ora se propõe vem a mostrar que nem sempre a violação destas regras representa um problema, já que, em muitos casos, é justamente essa quebra que garante a produção de sentido no discurso e cumpre a funcionalidade pretendida.

2) Análise dos dados

Foram analisados 14 trechos de uma entrevista com Fátima Bernardes a Marcelo Marthe, sobre o seu novo programa na rede Globo, publicada na edição da revista VEJA do mês de junho de 2012, em que foi verificado se houve a quebra de uma (ou mais) das máximas conversacionais devido a alguma razão específica da entrevistada, e se esta quebra afetou o bom entendimento das respostas.

Conforme foi visto anteriormente, as máximas conversacionais são classificadas em quatro tipos: qualidade, quantidade, relevância e modo. A análise apresentada a seguir tem por finalidade verificar a aplicação ou violação dessas máximas, buscando a geração de sentido.

Marcelo Marthe: *Não lhe causa ansiedade abandonar um telejornal de audiência cativa para se lançar na luta pelo ibope nas manhãs, faixa em que a Globo enfrenta sua concorrência mais acirrada?*

Fátima Bernardes: *Sei que as manhãs não são fáceis. Ao contrário do horário nobre, tem pouca gente vendo TV de manhã. Terei muito trabalho para convencer as pessoas a ligar seus aparelhos. Mas tenho esperança, sinceramente, de que os espectadores se deixem seduzir pelo programa da Fátima.*

Neste exemplo, a entrevistada não respondeu à pergunta adequadamente, pois quando foi questionada sobre a sua ansiedade ela apenas informou que vai ter um trabalho mais difícil de convencer o público a assistir o seu novo programa, quebrando a máxima da relevância. Logo, também foi violada a máxima da quantidade, por se dizer menos do que deveria ter dito.

Marcelo Marthe: *O público verá uma outra Fátima?*

Fátima Bernardes: *É óbvio que, até pela liturgia que o cargo exigia, minha roupa no Jornal Nacional era sempre mais formal. Havia um cuidado de não ousar, para não desviar a atenção da notícia. Agora, não. Vou estar ali de corpo inteiro. Está vendo esse vício de falar para caramba com as mãos? (Fátima agita os braços). Agora poderei ser mais assim, como sou na rua mesmo. Mas tenho certeza de que o público vai dizer: “Não é que eu imaginava a Fátima desse jeitinho?”. Nenhum elogio me deixa mais feliz, aliás, que ouvir a pessoa dizer que eu sou exatamente como ela pensava quando me via na televisão. Nunca fiz uma personagem no Jornal Nacional, entendeu? Eu era a Fátima mesmo.*

Nesse caso, a entrevistada respondeu positivamente à pergunta. Porém, houve uma contradição no final da resposta, quando ela diz que nunca fez uma personagem no Jornal Nacional, tendo exposto anteriormente que apenas no seu novo programa vai poder estar de corpo inteiro. Logo, não houve uma resposta completamente adequada, violando a máxima da relevância.

Marcelo Marthe: *Qual a sensação de ficar conhecida a ponto de até as mudanças no seu visual provocarem comoção?*

Fátima Bernardes: *Um dia ainda vou escrever um livro com o seguinte título: Como o Cabelo Marcou Minha Carreira. Quando entrei na Globo, usava o estilo chanel. Depois, fiz permanente. Toda vez que a cabeleireira falava em cortar, eu tinha medo. Achava que ia ficar com a cara redonda. Um dia, fiquei tão revoltada com a insistência dela que, sem consultar nem o William, ordenei: “Então corta”. Quando ela passou a navalha, fiquei chocada ao me ver parecendo um tomate. A partir daquele momento, como todas as outras apresentadoras tinham cabelos longos, eu virei a moça dos cabelos curtos. Ganhei nome com isso. Depois de dez anos, eu tentei deixar crescer de novo, mas os espectadores não se conformavam. Quando tive meus filhos, finalmente resolvi mudar. E, em 2002, quando voltei da Copa do Mundo do Japão e da Coreia, decidi fazer o alisamento japonês, com chapinha. Foi o maior equívoco da minha carreira. Menino, aquilo foi uma confusão: alguém que não queria chamar atenção aparecendo no ar quase careca. Foi quando percebi que meu cabelo não era mais só meu. Tinha virado patrimônio nacional.*

Nesse exemplo, a entrevistada se estendeu bastante na resposta. Ela não foi breve, e forneceu mais informações do que foi exigido, pois falou sobre como aconteceu algumas mudanças em seu cabelo, violando a máxima do modo e da quantidade. Além disso, ela não respondeu qual era exatamente a sua sensação de ficar conhecida a ponto de até as mudanças no seu visual provocarem comoção, violando a máxima da relevância.

Marcelo Marthe: *Sua saída do Jornal Nacional alimentou rumores sobre uma crise no casamento com William Bonner. As especulações a incomodam?*

Fátima Bernardes: *O boato sobre a separação é sazonal, como geadas. As pessoas não se conformam com um casamento feliz de 22 anos, né? Como nunca tivemos uma discussão em público, só resta inventar. Agora, estamos na fase do boato de que eu saí do Jornal Nacional para fugir do HD, a televisão de alta definição, porque ele revela absolutamente todos os detalhes da pele e da fisionomia. Gente, meu programa vai ser todo em HD. Só dá para levar essas coisas no bom humor.*

Constatamos que a entrevistada respondeu apenas indiretamente a pergunta quando falou que levava os boatos no bom humor, levando-nos a inferir que as especulações não a incomodam. Logo, houve uma quebra proposital da máxima da relevância. Além disso, acrescentou que também havia rumores sobre sua saída do Jornal Nacional devido à televisão de alta definição, ou seja, foram fornecidas mais informações do que se esperava, violando a máxima da quantidade.

Marcelo Marthe: *Como mãe, Fátima Bernardes está mais para liberal ou general?*

Fátima Bernardes: *Liberal, definitivamente, não. Mas, embora meu pai fosse militar, não chego a ser a generalzona. Digamos que sou uma mãe disciplinadora. Desde pequenos, meus filhos tinham suas tarefas muito claras. Com 6 ou 7 anos, eu já fazia um quadrinho para eles com hora de estudar, hora de brincar. E aí de quem saísse da linha. Hoje, eles estão ganhando um pouquinho de liberdade. Mas tem de haver comprometimento. Quero que entendam que a vida cobrará disciplina, organização e responsabilidade.*

Nesse exemplo, não houve violação às máximas conversacionais. Ela respondeu que não era uma mãe general e muito menos liberal, exemplificando com alguns modos de como educa seus filhos. A resposta foi direta e adequada (respeitando a máxima da relevância), verdadeira (respeitando a máxima da qualidade), clara (respeitando a máxima do modo) e com informações suficientes para o entendimento (respeitando a máxima da quantidade).

Marcelo Marthe: *Fátima e Bonner concordam em tudo em relação à educação dos filhos?*

Fátima Bernardes: *Na questão da exposição da família, eu e o William desde sempre tivemos um acordo sobre como agir. Nunca proibi meus filhos de ser fotografados por revistas, mas também nunca marquei uma pauta com eles. Porque a gente não queria que depois um deles viesse questionar: “Eu era tão pequeno, por que vocês me botaram para fazer aquela foto?”. Hoje, eles estão mais crescidos e já podem decidir se querem aparecer. Às vezes, o William e eu não concordamos em determinado tema. Mas temos um código: quando percebemos que não estamos afinados, damos um jeito de ter uma conversa a sós para não discutir na frente dos três. Enquanto eu fico mais preocupada com questões como segurança, o William é mais flexível. Ele acha que eles têm de fazer certas coisas sem nossa presença para ficarem mais espertos. Mas eu não relaxo nunca. Para onde a criança vai, vou correndo atrás.*

Nesse caso, a entrevistada respondeu de forma direta: “Às vezes, o William e eu não concordamos em determinado tema.” Também foram colocados exemplos claros, breves e pertinentes sobre a forma de agir do casal quando não há concordância em algum assunto relacionado à educação dos filhos. Logo, as máximas da conversação foram respeitadas.

Marcelo Marthe: *Bonner é cuca fresca?*

Fátima Bernardes: *Ele é bem mais relaxado. Enquanto eu planejo tudo nos mínimos detalhes, o William gosta das surpresas. Procuo não ser surpreendida por nada. Quando viajamos, gosto de preparar uma agenda com tudo o que faremos, dia a dia. Ele reclama: “Mas, Fátima, você nem sabe se vai fazer sol para determinar que a gente vai caminhar pela cidade de tal a tal hora”.*

Constatamos que a entrevistada respondeu positivamente à pergunta, mas para dar consistência à resposta, ela comparou o seu comportamento natural com o comportamento natural do seu marido, expondo algumas das suas atitudes diárias. Portanto, também nesse caso, não houve quebra das máximas conversacionais.

Marcelo Marthe: *Você então tem obsessão por planejamento?*

Fátima Bernardes: *Ai, meu Deus, já vi tudo. O título da entrevista vai ser “Fátima, a neurótica”. Agendas e listas de tarefas são comigo mesmo. No momento, estou preocupadíssima porque meus filhos estão se preparando para fazer uma viagem de estudo à Suíça. Não consigo parar de pensar nisso. Da mesma forma, anoto cada tarefa e vou ticando — tic, tic, tic — tudo o que já fiz. Dizem que virginianos como eu são cheios de manias. Também dizem que, depois dos 30 anos, o ascendente passa a dominar. Deu na mesma. Meu ascendente é Virgem também. Eu não mudei nada depois dos 30. Continuo chata, querendo ter as coisas totalmente sob o meu domínio. Gente, que horrível! Eu precisava ser assim?*

Evidenciamos que a entrevistada forneceu mais informações do que precisava, violando a máxima da quantidade, pois além de responder, através de exemplos, que tem obsessão por planejamento, ela mostra que também possui a característica de ser dominadora, verificado na passagem onde ela diz que gosta de ter as coisas sob o seu domínio.

Marcelo Marthe: *O que o Bonner diz dessa ansiedade?*

Fátima Bernardes: *Ah, coitado, o William já se acostumou, né? Quem sofre mais sou eu. Já tentei fazer ioga para lidar com a ansiedade. Odiei. É um tal de saudação ao*

sol — e eu lá pensando em tudo o que tenho de fazer no resto do dia. Ou aquele papo de ser guerreiro — ai, minha mãe santíssima, não dava. Prefiro fazer uma baita aula de dança, suar muito e não ter tempo de pensar em mais nada.

Da mesma forma que no exemplo anterior, a entrevistada forneceu mais informações do que precisava, violando a máxima da quantidade, pois falou das coisas que ela já fez para tentar acabar com a sua ansiedade, mesmo não sendo perguntada sobre isso. Também houve uma quebra proposital da máxima da relevância, pois ela não responde o que o Bonner diz dessa ansiedade, e apenas menciona que ele já se acostumou, o que nos leva a inferir que ele já não mais se preocupa com o problema.

Marcelo Marthe: *Quais foram seus momentos de maior ansiedade no telejornalismo?*

Fátima Bernardes: *Eu fui ao enterro do Ayrton Senna, em 1994, com o objetivo de entrevistar a mãe dele. Mas, ao ver a comoção da família, travei completamente. Não tive coragem de abordá-la. Também foi difícil fazer a entrevista com a mãe do garoto João Hélio (assassinado aos 6 anos por assaltantes no Rio de Janeiro, em 2007). Dar a notícia de qualquer desastre de avião sempre teve — e ainda tem — um efeito muito perturbador sobre mim.*

Nesse caso, a entrevistada respondeu adequadamente à pergunta, com exemplos claros, breves e pertinentes sobre seus momentos de maior ansiedade no telejornalismo. Logo, não houve quebra das máximas conversacionais.

Marcelo Marthe: *Por quê?*

Fátima Bernardes: *Tenho fobia de avião. O problema começou depois que as crianças nasceram, mas levei tempo para me conscientizar. Dava mil desculpas para não pegar avião. Saía de carro do Rio para visitar minha sogra em São Paulo e achava normal. Até que o William propôs uma viagem de férias a dois para Nova York. Na volta, enquanto o William dormia, eu fiquei agitada. Como não queria que as pessoas percebessem, pois todo mundo sabia que eu era a Fátima Bernardes, me aguentava com as pernas tremendo e o rosto ardendo em febre. Todas as características de uma crise de pânico. Por dois anos e três meses, só de passar perto de aeroporto meu coração disparava. Mas, como jornalista, não deu para fugir por muito tempo. Em 2002, fui escalada para cobrir a Copa do Japão e da Coreia.*

Também nesse caso, as máximas da conversação foram respeitadas. A resposta foi bastante direta: “Tenho fobia de avião”. As informações dadas posteriormente foram necessárias para corroborar com sua resposta.

Marcelo Marthe: *Como tratou do problema?*

Fátima Bernardes: *Quando fui convocada, eu já estava me tratando com uma terapeuta cognitiva. Na minha cabeça, o grilo era o fato de ter perdido o direito de morrer. Olhava para aquelas três crianças e me desesperava com a possibilidade de elas ficarem órfãs. Aos poucos, a terapeuta me fez entender que eu tinha canalizado toda a minha insegurança em não dar conta da criação de três filhos para os aviões. Ela recomendou que eu fizesse primeiramente uma viagem de lazer com toda a família. Decidi ir para a França visitar minha irmã.*

Nesse exemplo, não houve uma resposta completa, pois a entrevistada mencionou apenas que havia procurado tratamento e como se manifestava o problema da fobia de avião, mas não informou se o problema foi de fato tratado. Logo, houve violação às máximas da relevância e da quantidade.

Marcelo Marthe: *E como foi?*

Fátima Bernardes: *O voo para Paris com a família, tirei de letra. Fiz caderninhos para meus filhos colorirem no avião e estava bem relax. Voltei a ter medo nos voos domésticos na Coreia. Achei que não ia conseguir terminar a Copa, mas, graças a Deus, no Japão deu para circular só de trem. Em 2004, na Olimpíada de Atenas, tive uma recaída e não consegui ir. Tive de voltar para a terapia. Fiz muitos exercícios de respiração. E a doutora voou comigo na ponte aérea para entender o que se passava. Quando o avião começou a acelerar, eu me encolhi como se não quisesse que meu peso atrapalhasse na decolagem. Ela disse: “Sente o chão, Fátima, sente o chão. Você não está solta no ar”.*

A entrevistada respondeu adequadamente à pergunta referente ao seu estado emocional no voo para Paris, porém era esperado que ela também informasse se havia conseguido se curar da sua fobia de avião, mas isso não aconteceu. Logo, a resposta continuou incompleta, mantendo a quebra da máxima da relevância e da quantidade.

Marcelo Marthe: *Hoje a fobia está superada?*

Fátima Bernardes: *Combato a fobia com uma dose pediátrica de tranquilizante. De algum tempo para cá, as coisas começaram a melhorar, graças a Deus. Hoje, posso entrar no avião com meus filhos numa boa. Mas o William e eu viajamos juntos, de jeito nenhum. Não quero deixar meus filhos órfãos, gente.*

Evidenciamos que a entrevistada informou que a sua fobia de avião não está superada, apesar do tratamento, pois ainda não consegue viajar de avião sem os seus filhos. Portanto, não houve violação às máximas conversacionais.

Conclusão

A partir da análise realizada, observamos que a violação das máximas da conversação nem sempre representa um problema para o bom entendimento do discurso. Em alguns casos, o indivíduo pode comunicar algo que não é o mais apropriado para um determinado momento da conversação, e mesmo assim, dependendo do contexto, o diálogo transcorre adequadamente. Em outros casos, a quebra pode até ser proposital, quando o falante tem a intenção, por exemplo, de ironizar, prolongar o diálogo, ou informar alguma coisa de forma indireta.

Logo, este trabalho contribuiu para o estudo da linguagem à medida que constatou que as máximas conversacionais não são regras que têm que ser sempre seguidas para o sucesso da comunicação humana. A violação de uma máxima pode até ser necessária, conforme cada contexto de enunciação.

Referências

COSTA, Scheila Cristina. A aplicabilidade das máximas conversacionais nas perguntas cotidianas. Disponível em:
<[http://www.unipam.edu.br/crtilo/images/stories/file/artigos/2008_1\(revisto\)/AplicabilidadeDasMaximas.pdf](http://www.unipam.edu.br/crtilo/images/stories/file/artigos/2008_1(revisto)/AplicabilidadeDasMaximas.pdf)>. Acesso em 22/06/2012.

Entrevista - Fátima Bernardes fala a VEJA: seu novo programa na Globo, os rumores (falsos) sobre problemas no casamento com Bonner, seus filhos, suas manias — e seu tratamento para perder o medo de avião. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/fatima-bernardes-fala-a-veja-seu-novo-programa-na-globo-os-rumores-falsos-sobre-problemas-no-casamento-com-bonner-seus-filhos-suas-manias-e-seu-tratamento-para-perder-o-medo-de-aviao/>>.

Acesso em 20/06/2012.

ESPÍNDOLA, Lucienne. Pragmática da Língua Portuguesa. In: ALDRIGUE, Ana C. de Souza; LEITE, Jan Edson Rodrigues (org.). Linguagens: usos e reflexões. v. 6, João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In.: Introdução à lingüística: objetos teóricos. São Paulo: Ed.Contexto, 2002.

GRICE, Paul H. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (org). Fundamentos Metodológicos da Lingüística: Pragmática - Problemas, críticas, Perspectivas da Lingüística. Campinas: UNICAMP, 1982.

(1975)

LEVINSON, Stephen C. Pragmática. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WILSON, Victoria. Motivações Pragmáticas. In.: MARTELLOTA, Mário Eduardo et. al. In.: Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.